
O jogo está fechado? Conexões entre a epistemologia do armário e a performatividade de gênero no futebol, a partir da série “Ted Lasso”¹

Raphael Castilho Bueno Silva²
Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

Resumo

O artigo articula a epistemologia do armário e a performatividade de gênero para refletir sobre a homossexualidade no futebol masculino. A partir da concepção de que a ficção televisiva é uma prática social, o estudo analisa quatro cenas do arco narrativo de um jogador gay que ganha destaque na terceira temporada da série “Ted Lasso”, de 2023. Como metodologia, utilizou-se uma variação da análise fílmica proposta por Aumont e Marie (2004), dividida em duas etapas: uma crítica e outra transcritiva. Os resultados reforçaram a percepção de que o futebol é marcado pela reprodução de masculinidades hegemônicas, que dificultam o rompimento dos padrões de gênero e reforçam a lógica do armário na vivência de jogadores com sexualidades dissidentes.

Palavra-chave: Epistemologia do armário; futebol; ficção televisiva; performatividade de gênero; representações da homossexualidade.

Introdução

O futebol masculino se constitui como um espaço marcado pela performatividade de masculinidades hegemônicas (Soares *et alia*, 2016). Uma inteligibilidade de gênero, marcada por dualismos, se impõe como padrão normativo (Butler, 2003) neste contexto, onde também se consolida acordos de silenciamento (Sedgwick, 2003) que tem o intuito de invisibilizar sexualidades dissidentes. A tensão do “ser gay” no futebol masculino é o ponto de partida deste estudo.

Para isso, propomos uma articulação entre a teoria da performatividade de gênero (Butler, 2003) e a epistemologia do armário (Sedgwick, 2003), transposta na análise de quatro cenas da terceira temporada da série “Ted Lasso”, que é ambientada na primeira divisão do futebol inglês. O objetivo é identificar como essas abordagens sobre gênero e sexualidade se manifestam no arco narrativo de Colin, um dos personagens da série que é gay e atua como jogador de futebol.

Com a concepção de que a ficção audiovisual é um terreno fértil para reprodução das práticas sociais, com o poder de tensionar imaginários simbólicos (Turner, 1997); a relevância desta pesquisa reside na relação entre teorias de gênero e universo esportivo,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutorando em Comunicação Social no PPG em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mails: raphaelcastbueno@gmail.com; raphaelcastilho@ufmg.br.

contribuindo aos debates que articulam mídia, corpo e sexualidade. Metodologicamente, a pesquisa se baseia em uma análise crítica e transcritiva da ficção audiovisual que foi inspirada nas teorias de análise fílmica de Aumont e Marie (2004). Na organização do texto, a articulação entre os referenciais teóricos precede as escolhas metodológicas, a análise das cenas e as considerações finais.

O futebol masculino, a performatividade de gênero e a epistemologia do armário

Para compreender a teoria da performatividade de gênero é importante traçar que Butler (2003) questiona como o gênero atua na constituição do sujeito. A autora afirma que são mecanismos culturais que sustentam aquilo que ela chama de inteligibilidade de gênero³. Dessa forma, o gênero não é uma identidade fixa e inerente ao corpo, mas são configurações normativas de práticas comuns nas relações sociais, baseadas, sobretudo, na heterossexualidade compulsória. Falando sobre as masculinidades, existem modelos instituídos e privilegiados através de um processo contínuo de normalização de corpos e condutas (Soares *et al.*, 2016).

Percebemos, desse modo, que os corpos são superfícies politicamente reguladas nos quais atuam campos de poder (Butler, 2003). Barbosa (2022) afirma que os campos de poder atuam na manutenção de uma ideia binária de gênero que alimenta relações de subordinação e hierarquia. A não acomodação às normas definidas pela inteligibilidade de gênero resulta no processo de negação do reconhecimento (Butler, 2018). Enquanto aqueles que se aproximam das normatividades gozam de privilégios, os que se afastam dos modelos idealizados sofrem violências físicas e simbólicas.

O futebol masculino é uma instituição relevante para a construção e para a difusão desses enunciados. Soares *et al.* (2016) afirmam que a popularidade da modalidade se relaciona com o poder das representações midiáticas sobre a masculinidade normativa⁴, que renovam discursos de gênero associados à violência e à homofobia. Se o choro do zagueiro Thiago Silva, vestindo a camisa do Brasil no ano de 2014, já foi interpretado como um ato performativo dissidente das normas esperadas pelo futebol (Soares *et al.*,

³ O conceito de inteligibilidade de gênero se refere às maneiras como uma identidade de gênero se torna reconhecível e aceitável nas práticas sociais, resultando em aparências alinhadas aos sentidos e as normas que definem e regulam os corpos no tecido social (Barbosa, 2022).

⁴ “[...] no contexto específico do futebol, tal teia de significados generificada materializa-se em condutas viris ligadas às modalidades, como agressividade controlada, controle da dor, protagonismo nas competições, robustez corporal evidenciada nos formatos dos corpos, força, agilidade, técnicas corporais adequadas ao desempenho esportivo, superação dos oponentes, liderança, controle das emoções, supressão do choro, a heterossexualidade compulsória e a heteronormatividade” (Soares *et al.*, 2016, p. 1153).

2016); uma orientação sexual que diverge da heterossexualidade carrega o potencial de tensionar ainda mais essas estruturas.

Uma vez que consideramos que as normas de gênero hegemônicas se direcionam à heterossexualidade compulsória (Barbosa, 2022), existe uma expectativa normativa de que os homens devem demonstrar atração por mulheres e encarnar uma masculinidade marcada por traços de virilidade e dominação. Nesse cenário, Sedgwick (2003) defende o ponto de vista de que homens gays aprendem, desde quando crianças, técnicas de dissimulação para esconder gestos que desviam do padrão normativo. É a partir dessa ideia que trazemos um outro ponto importante na obra butleriana: a diferenciação entre o que se entende por performance e por performatividade. Enquanto a performance é um ato pontual e encenado, a performatividade é um processo repetitivo que constitui o gênero ao longo do tempo (Barbosa, 2022).

Se entendermos as técnicas de dissimulação propostas por Sedgwick (2003) como encenações programadas e estratégicas, encontraremos um paradoxo entre os conceitos. Isso porque – nesses casos, já estudados pela teoria *queer*⁵ – os traços normativos de masculinidade poderiam ser interpretados, no comportamento de muitos homens gays, como um ato mais performático do que performativo. Kveller e Nardi (2002) afirmam que contraposta a expectativa heteronormativa, comportamentos divergentes produzem uma perturbadora sensação de inadequação e de desarmoinia: “[...] seja pela falta ou seja pelo excesso, ela sempre parcerá uma performance” (p. 7).

Aprofundando no estado de inadequação e nos contextos intrínsecos à revelação da homossexualidade, Sedgwick (2003) afirma que o armário não é um estado pontual, mas uma estrutura contínua e relacional. Isso acontece porque à cada ambiente inédito, existe uma presunção hegemônica da heterossexualidade. Essa realidade exige que os homens gays reavaliem constantemente como revelar a sua orientação sexual, o que gera um ciclo interminável de decisões e reposicionamentos identitários. Dessa forma, o armário regula silenciosamente o que pode ser comunicado, revelado ou ocultado sobre a identidade sexual (Kveller & Nardi, 2022).

Além disso, a epistemologia do armário enxerga a vivência gay estruturada em torno de um acordo tácito de dissimulação entre o sujeito e o seu entorno (Sedgwick,

⁵ Um desses estudos se debruça no conceito de perfechatividade de gênero é (Colling *et al.* 2019) que busca combinar a dimensão intencional e voluntária da fechação com a força reiterativa e involuntária da performatividade, para pensar as expressões de gênero que transitam entre performance e performatividade.

2003). Tal relação, que funciona como um segredo aberto, pode durar uma vida inteira e é marcada por silêncios e, como já expomos, por uma série de encenações estratégicas (Kveller & Nardi, 2022). A revelação da homossexualidade não envolve só o sujeito, mas todos aqueles que passam a carregar a responsabilidade de manejar a informação em diferentes ambientes e situações. Além disso, Sedgwick (2003) também enxerga que a decisão de se revelar é influenciada pelo impacto no entorno social e não só pela segurança individual do sujeito.

Sedgwick (2003) introduz o conceito de privilégio da ignorância, aplicável ao universo do futebol masculino pois consiste, sobretudo, na deslegitimação do discurso da homossexualidade com a justificativa de que são informações íntimas demais para serem expostas⁶. O silenciamento, alinhado aos discursos heterossexistas, faz com que homens gays cresçam em comunidades sem vivências compartilhadas. Isso contribui para que esses indivíduos cresçam construindo suas identidades a partir de fragmentos, configurando a já exposta realidade que promove uma quase obrigatória necessidade de se desenvolver estratégias de dissimulação para sobreviver (Kveller & Nardi, 2022).

Embora existam modos de romper com os padrões de gênero estabelecidos nos discursos sociais (Butler, 2013), e que sair do armário pode ser interpretado como uma dessas formas, esta pretensão é dificultada quando pensamos em ambientes como o futebol, que é um dos palcos sociais mais resistentes à dissidência sexual. Para finalizar a exposição do referencial teórico, Sedgwick (2003) vê a vergonha ocupando um lugar central nas teorias sobre a epistemologia do armário, como um mecanismo silencioso de controle que reforça o desejo de ocultar diferenças. Vale ressaltar que a vergonha não é antônimo de orgulho ou sinônimo de incerteza. Ela é vista como um sentimento que se associa à constante percepção de inadequação em ambientes que estão carregados de discursos ligados às normas hegemônicas de se performar o gênero, como é o caso do futebol profissional: um espaço que se apresenta como objeto de análise deste estudo a partir de uma série ficcional ambientada nas entranhas da modalidade.

Uma metodologia de análise crítica e transcritiva da ficção audiovisual

Partimos do entendimento de que as séries de televisão não devem ser analisadas apenas por aspectos textuais e imagéticos. Propomos, portanto, uma metodologia que

⁶ Essa postura reforça a ideia difundida com o sistema dualista de gênero (Butler, 2003) que difunde, tacitamente, que a heterossexualidade é natural e neutra; enquanto a homossexualidade seria uma anomalia que deve ser escondida das estruturas sociais.

permita compreender “Ted Lasso” como material carregado de potencialidades políticas e, entre elas, a capacidade de evidenciar como as expressões de gênero são interpretadas pelas autoras mobilizadas na pesquisa. Para analisar o corpus, adotamos o pressuposto de que a análise fílmica – aqui aplicada a uma série de televisão – deve equilibrar a transcrição do material com a leitura crítica do pesquisador (Aumont, 2009) que é, geralmente, fundamentada em fontes externas à obra analisada.

Então, para uma compreensão qualitativa do material, consideramos como uma pré-etapa da análise a seleção de fragmentos⁷ que possibilitem uma articulação entre a representação audiovisual com um determinado referencial teórico. Com a análise já em progresso, a etapa transcritiva é conduzida por descrições, citações e documentações⁸ e se debruça na dimensão narrativa, visual e sonora⁹ da obra analisada. Já a etapa crítica¹⁰ se sustenta na aplicação do referencial teórico do estudo nas cenas, de modo que se potencialize as reflexões acerca da problemática da pesquisa (Silva, 2025). Em nosso caso, esse passo foi operacionalizado pelas inferências originadas com a identificação dos elementos que revelam, nas cenas dedicadas ao drama do personagem analisado, os modos como os discursos atuam sobre as expressões de gênero (**Quadro 1**) à luz dos conceitos de Judith Butler (2003; 2018), Eve Sedgwick (2003) e Soares *et alia* (2016).

Aplicação do referencial teórico na etapa crítica da análise.	
Na dimensão da performatividade de gênero.	Como o personagem expressa o gênero no ambiente do futebol, atentando para gestos que reproduzem, repetem ou tensionam normas heteronormativas.
Na dimensão da epistemologia do armário.	Como o personagem e seu entorno lida com o ocultamento da sexualidade, as estratégias de silêncio ou ambiguidade e a relação da vergonha como força motora dessa situação.
Na dimensão do futebol masculino como espaço normativo das reproduções de gênero.	Como o ambiente futebolístico – da torcida aos companheiros de time – atua na manutenção ou no questionamento das

⁷ Quanto à operacionalização da análise a partir das cenas específicas, Aumont e Marie (2004) dizem que fragmentos são artefatos privilegiados do analista. Eles propõem que os fragmentos escolhidos para a análise sejam delimitados, coerentes internamente e representativos da obra como um todo.

⁸ Para Aumont e Marie (2004), esses instrumentos permitem, respectivamente: a descrição de elementos narrativos, sonoros e imagéticos; a articulação entre o material e a análise por meio de excertos e imagens e a incorporação de informações externas sobre a produção e a distribuição da obra.

⁹ As dimensões se debruçam, respectivamente: na estrutura de enredo, personagens, temporalidades e ambientação da obra analisada (Gancho, 2011); nos códigos visuais como enquadramento, montagem, espaço e figuratividade (Julier & Marie, 2007) e os papéis desempenhados pelos ruídos, música e palavras na obra analisada (Julier & Marie, 2007).

¹⁰ Esta etapa parte da compreensão de que a ficção audiovisual é um recorte do mundo real que projeta perspectivas sociais, como espelho e construção simbólica da experiência humana (Turner, 1997). A abordagem se alinha à visão de Hall (2016) de que a comunicação molda e reflete padrões culturais e modos de pensar presentes na sociedade. Tal perspectiva dialoga com a concepção de Butler (2003) de que os mecanismos culturais estruturam a inteligibilidade de gênero, revelando como as narrativas ficcionais participam da formação e da naturalização dessas categorias

	normas de gênero.
--	-------------------

Quadro 1: Dimensões analisadas pela etapa crítica da análise das cenas de “Ted Lasso”.
Fonte: Autor (2025).

Masculinidades e dissidências em quatro cenas da série “Ted Lasso”

“Ted Lasso” narra a história de um treinador inexperiente contratado em um time fictício da primeira divisão do futebol inglês. A série é focada nas relações interpessoais que são traçadas entre o técnico e os jogadores, funcionários e dirigentes do clube. Com o intuito de observar performatividades de gênero e a epistemologia do armário no arco narrativo do personagem Colin Hughes (Billy Harris), durante a terceira temporada do programa, selecionamos quatro cenas: sendo a primeira do episódio “4-5-1” e as três posteriores do episódio “La vestiário aux folles”¹¹.

Quando Colin acorda sozinho, pelado e confuso em uma cama de casal, na cena introdutória do episódio “4-5-1” (**Figura 1**), o espectador entende que o programa irá, pela primeira vez, explorar mais detalhadamente a intimidade de um dos personagens que ocupava apenas um papel secundário nas temporadas anteriores. Ao som da música “*Out of my head*”¹², Colin veste suas roupas e caminha até a cozinha, onde encontra um homem – Michael (Sam Liu) – usando apenas um roupão e servindo uma xícara de café.

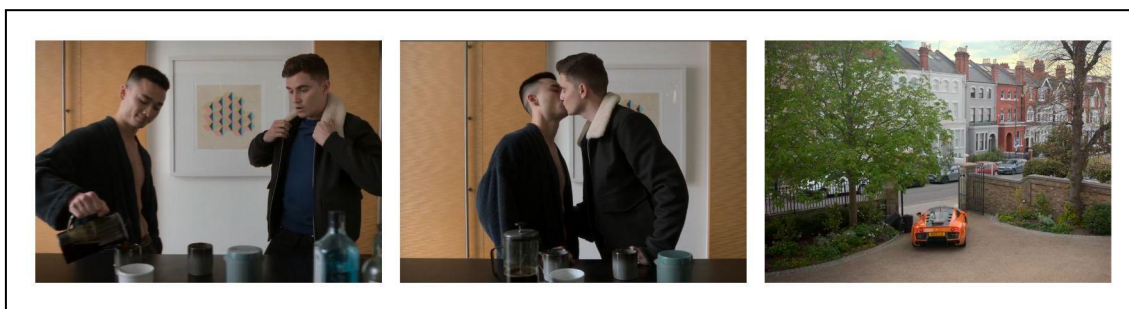


Figura 1: Frames do episódio “4-5-1” de “Ted Lasso”.
Fonte: Apple TV+ (2025).

A cena continua com Michael comentando que aquele é um dia importante para o time de Colin. A fala surpreende o personagem, que não esperava que o parceiro tivesse familiaridade com os acontecimentos esportivos. Em seguida, Colin beija Michael e se despede do namorado. Já fora da casa, Colin coloca um óculos de sol e entra em um carro de luxo. O personagem suspira e diz: “eu sou um homem capaz e forte”. Logo

¹¹ “4-5-1” é o terceiro episódio da temporada analisada. “La vestiário aux folles” – cujo título é referência direta ao musical gay “La cage aux folles” (“Balada das loucas”, em português) – é o episódio nove desta mesma temporada.

¹² A canção, de 1998, da banda Fastball, começa com a frase “sometimes I feel like I am drunk behind the wheel” (“às vezes eu me sinto como se estivesse bêbado ao volante”, em tradução para o português). Acreditamos que o trecho remete à inadequação sentida por Colin em um ambiente marcado pela heteronormatividade.

após ligar o carro, Colin atropela várias latas de lixo ao sair da garagem

A cena mostra a divisão traçada por Colin Hughes entre sua intimidade afetiva e a masculinidade normativa exigida pelo futebol masculino. Enquanto a homossexualidade é reservada ao espaço privado, que dialoga com o conceito do privilégio da ignorância (Sedgwick, 2003); o personagem reitera que precisa ser forte para performar outro tipo de masculinidade, mais hegemônica, no ambiente futebolístico. O armário é visto como uma força estruturante da cisão entre o que pode ser vivido e o que pode ser mostrado. As técnicas de dissimulação (Sedgwick, 2003) são acionadas quando Colin se retira do local considerado seguro. Os gestos adotados do lado de fora da casa, como a fala sobre força e capacidade, reforçam a tentativa do personagem em se aproximar de uma masculinidade hegemônica que precisa ser performada no ambiente de trabalho.

A segunda cena analisada mostra um diálogo entre Colin e Trent (James Lance), jornalista homossexual que escreve um livro sobre o time e atua como seu conselheiro e confidente ao longo de toda a terceira temporada. Colin relata, nessa conversa, que Isaac (Kola Bokinni), um dos seus companheiros de time, descobriu a sua orientação sexual. Colin afirma que a reação do colega não foi tão positiva e que vem sendo ignorado pelo jogador. Trent responde que esse tipo de comportamento é comum e sugere que Colin dê tempo para que Isaac possa processar a nova informação. No mesmo desabafo, Colin revela saber que é gay há cerca de 20 anos, desde que abandonou a casa da mãe, e que é obrigado a esconder esse aspecto de sua vida no contexto do futebol.

A conversa reitera que, para se manter ativo nos moldes do futebol profissional, Colin precisa seguir as normas impostas pela performatividade e pela inteligibilidade de gênero (Butler, 2003). O medo do julgamento, sentido por Colin com a reação inicial de Isaac à descoberta, impede o personagem de sair do armário e revela como o futebol, enquanto instituição, ainda impõe o apagamento da diferença para preservar a coesão de um grupo (Soares *et al.*, 2016). A cena sugere que a performatividade no futebol não é sustentada apenas pela exigência de uma performance normativa, mas também de uma série de silenciamentos que impedem a abertura de brechas para que se rompam com os padrões de gênero estabelecidos nos discursos sociais.

A terceira cena acontece no intervalo de um jogo, em uma partida que a equipe de Colin está perdendo por 1 a 0 para um time visitante. Ao deixar o campo em direção ao vestiário, os jogadores ouvem insultos da torcida. Entre eles, um grito homofóbico

chama a atenção do jogador Isaac, que está lidando com a recente descoberta sobre a sexualidade de Colin. O torcedor grita: “você são uma vergonha para o escudo, estão jogando como um bando de viadinhos”. Revoltado, o zagueiro sobe nas arquibancadas para confrontar o torcedor e acaba sendo expulso com um cartão vermelho.

A reação de Isaac à homofobia da torcida desloca momentaneamente a lógica da passividade institucional frente à violência simbólica. A cena evidencia com clareza o papel da torcida como uma guardiã das normas de gênero¹³, escancarando que o futebol não atua apenas como um reflexo social, mas, também, como espaço de produção de masculinidades violentas (Soares *et al.*, 2016). Ao dizer que o time está “jogando como um bando de viadinhos”, o torcedor associa a dissidência ao fracasso e à inadequação. Além disso, a cena projeta, para o espaço público do estádio, as tensões íntimas que vinham sendo elaboradas nas cenas anteriores.

A quarta e última das cenas analisada se passa na porta da casa de Colin, depois do estranhamento entre Isaac e o torcedor homofóbico. Para explicar a reação inflamada do colega para os outros jogadores e o treinador Ted (Jason Sudeikis), Colin revela a sua sexualidade e fica aliviado ao receber apoio de toda a equipe. Reproduzimos o diálogo entre Colin e Isaac, deste quarto fragmento:

Isaac: O que foi que eu fiz para você achar que não podia me contar? / Colin: [...] não tinha nada a ver com você, tinha a ver comigo. Tinha 99% de certeza que iria me apoiar, mas o 1% que sobrava me deixava cheio de medo. / Isaac: Eu não sei como consegui. Nunca consigo guardar segredo. / Colin: Eu sei. Por esse motivo que eu não te contei. Eu escondi das pessoas por anos e no segundo que você descobriu, isso não durou nem um mês. / Isaac: [...] Vai contar para todo mundo agora? / Colin: [...] O time já sabe, isso já é o suficiente. / Isaac: E ninguém vai abrir a boca. Eu prometo! (Hayward, 2023).

Ao revelar sua sexualidade para os colegas, Colin desafia abertamente as normas enraizadas pela performatividade de gênero (Butler, 2003). A revelação também marca uma inflexão na lógica do armário: ao encontrar acolhimento, ele transforma um espaço associado ao silenciamento em um território marcado pela solidariedade. Mas podemos ver que sair do armário é um ato contínuo que não garante libertação (Sedgwick, 2003): na conversa com Isaac, Colin demonstra como o medo da rejeição é uma força motora que se firma mesmo em contextos sociais acolhedores – uma vez que a presunção da

¹³ Ao apontar a torcida como uma guardiã das normas hegemônicas de gênero, queremos dizer que a homofobia da arquibancada é uma forma de reafirmar que só existe um modo legítimo de ser homem e jogador de futebol.

heterossexualidade é norma na maior parte dos ambientes frequentados por um jogador de futebol.

A maneira como Colin conduz a revelação mostra que as performances de gênero são mais complexas do que a dualidade reproduzida pelas performatividades em curso. Entretanto, o fato de Colin não querer contar para mais pessoas, ao afirmar que “o time já sabe, isso já é o suficiente”, indica que o futebol ainda não é um espaço seguro. Isso porque o apoio da equipe não anula a regra vigente, embora suavize e crie fissuras nas normas hegemônicas. No final desse arco narrativo, o programa demonstra que, em um mundo ideal, o futebol masculino pode aparecer não só como reprodutor de normas de gênero, mas como um território em disputa.

Considerações finais

A partir de uma análise crítica e transcritiva de quatro das cenas do arco narrativo do personagem Colin, da terceira temporada de “Ted Lasso”, inferimos que as ficções audiovisuais funcionam como ferramentas sociais (Turner, 1997) capazes de tensionar normas hegemônicas de gênero e sexualidade – mesmo quando ambientadas em espaços heteronormativos, como é o caso do futebol masculino. A articulação de conceitos feita entre performatividade de gênero e epistemologia do armário, no referencial teórico, nos deu conta da complexidade de romper as regras de gênero em ambientes regulados por padrões normativos.

Os fragmentos reiteraram que o ambiente do futebol, pelo menos o masculino, é rigidamente marcado por dispositivos que promovem padrões de masculinidade e que excluem orientações sexuais divergentes. Inserir um personagem gay nesse contexto amplia a discussão ao tensionar, narrativamente, o pacto de silêncio que, historicamente, protege a norma heterossexual dentro das instituições esportivas. Nota-se a importância da ficção audiovisual como um campo de reflexão sobre práticas sociais e identitárias, sobretudo no que diz respeito à representação de subjetividades *queer* em contextos adversos.

Na trama de Colin, é possível observar conceitos discutidos no texto, como é o caso da inteligibilidade de gênero (Butler, 2003) que sustenta a presunção automática da heterossexualidade (Sedgwick, 2003). A narrativa também evidencia impactos sociais e afetivos gerados pela saída do armário e as estratégias de dissimulação que articulam os

conceitos de vergonha, performance e performatividade. Esses elementos se entrelaçam para revelar os tensionamentos entre identidade e norma social. A obra, assim, contribui para refletir criticamente sobre as construções culturais do gênero e da sexualidade.

Referências

4-5-1. In: TED Lasso. Criado por Bill Lawrence. Direção de Destino Ekaragha. Estados Unidos: Apple TV, 2023. 47 min., son., color. Temporada 3, episódio 3. Série exibida pela Apple TV+. Acesso em: 28 mai. 2025.

AUMONT, Jacques. **A estética do filme**. Campinas: Papirus, 2009.

AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto & Grafia, 2004.

BARBOSA, Yasmine. **Narrativa audiovisual e performatividade de gênero**: um estudo sobre a série *Anne com E*, da *Netflix*. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 174 f., 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 17-70, 2003.

COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo; NONATO, Murillo. Perfechatividades de gênero: as contribuições das fechativas e afeminadas para teoria da performatividade de gênero. **Cadernos pagu**, n. 57, p. 1-34, 2019.

GANCHO, Cândida. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 2011.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.

JULLIER, Laurent; MARIE, Michel. **Lendo as imagens do cinema**. São Paulo: Senac, 2009.

LA vestíário aux folles. In: TED Lasso. Criado por Bill Lawrence. Direção de Érica Dunton. Estados Unidos: Apple TV, 2023. 44 min., son., color. Temporada 3, episódio 9. Série exibida pela Apple TV+. Acesso em: 28 mai. 2025.

KVELLER, Daniel; NARDI, Henrique. Performance, performatividade, perchatividade: repensando nós conceituais nos estudos queer. **Cadernos pagu**, n. 66, p. 1-15, 2022.

SEDGWICK, Eve. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, n. 28, p. 19-54, 2007.

SILVA, Raphael Castilho Bueno. **O cinema como ponte semântica**: as experiências sociais nos filmes sobre a aids. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social), Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, 210 f., 2025.

SOARES, João; MOURÃO, Ludmila; MONTEIRO, Igor; SANTOS, Doiara. O choro do capitão: notas sobre performatividade de gênero e masculinidades no futebol profissional. **Movimento**, v. 22, n. 4, p. 1149-1162, 2016.

TURNER, Graeme. **Cinema como prática social**. São Paulo: Summus Editorial, 1997.